

Primeira perfuração de petróleo em Portugal pode avançar em 2013

Pág. 28



Energia

Ordem do dia

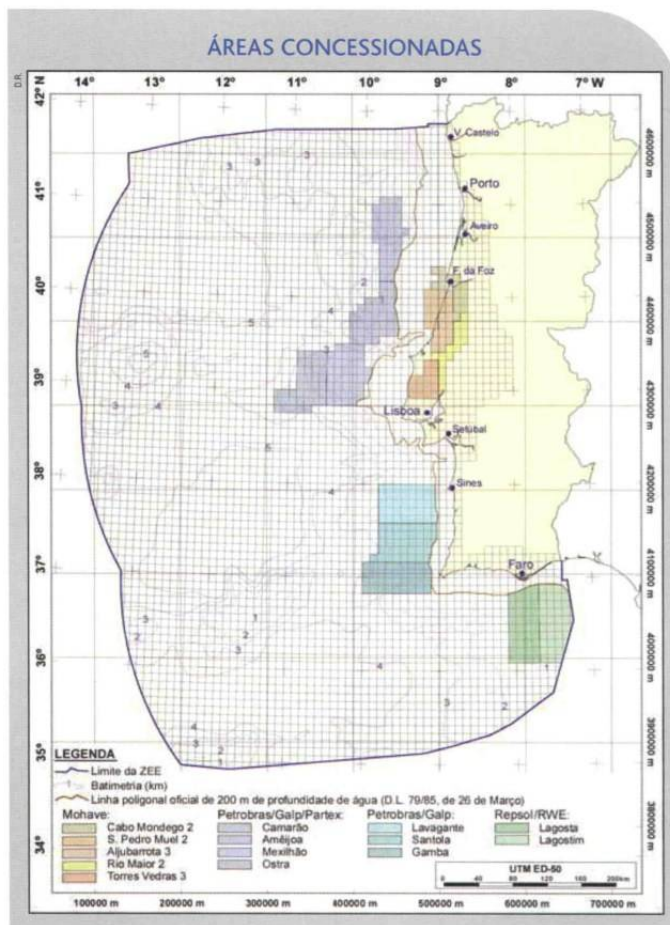
Primeira perfuração de petróleo em Portugal pode avançar em 2013

Várias empresas estudam há vários anos a possibilidade de existir petróleo e gás natural na costa portuguesa. Já no próximo ano, podem ser esclarecidas as dúvidas se a Galp Energia avançar com o primeiro poço de exploração.

É na zona sul da costa ocidental portuguesa que existem mais expectativas de encontrar petróleo em Portugal. Os primeiros testes foram realizados nos anos 30 do século passado, mas, várias décadas depois, a dúvida pode agora ser dissipada com o avanço das primeiras perfurações. A Galp Energia já concluiu o processo de aquisição sísmica 3D na bacia de Peniche (2010) e na bacia do Alentejo (2011), a derradeira etapa antes da perfuração propriamente dita. Os dados recolhidos «serão analisados ao longo de 2012, podendo realizar-se o primeiro poço exploratório no próximo ano», adianta Pedro Marques Pereira, porta-voz da Galp Energia, ao jornal *Água&Ambiente*.

Actualmente, estão também a ser adquiridos dados sísmicos 3D nas concessões de Cabo Mondego 2, São Pedro Moel 2 e Torres Vedras (Mohave Oil&Gas), segundo os dados disponíveis na página da Direcção-Geral de Energia e Geologia. Já em 2012, avançarão testes semelhantes no *deep offshore* da bacia do Alentejo (Petrobras/Galp), na bacia do Algarve (Repsol/RWE).

Ao todo, são cinco as empresas petrolíferas com trabalhos de prospecção em curso na costa portuguesa (ver mapa). No caso da exploração do *deep offshore* algarvio, o processo esteve parado durante nove anos, tendo sido o contrato de concessão finalmente assinado, em Outubro de 2011, já com o actual Governo. Nesta zona, a expectativa é de encontrar gás natural, dado que a estrutura geológica aí existente se encontra no prolongamento da bacia de Cádiz, onde já existe exploração deste recurso. António Comprido, secretário-geral da APETRO – Associação Portuguesa de Empresas Petrolíferas, expressa prudên-



Fonte: DGEG

cia nas estimativas quanto à possibilidade de Portugal se poder vir a tornar um produtor de petróleo ou gás natural. «As expectativas são relativamente boas, mas até à fase em que ainda não entrámos, de perfuração, nada se pode dizer»,

afirma o ex-presidente da BP. Segundo o engenheiro, a probabilidade que hoje existe de um furo ter êxito situa-se entre os dez e os 25 por cento, consoante a experiência e tecnologia da empresa em causa. Ou seja, a existência de hidrocar-

bonetos até pode ser certa, mas tudo depende de o petróleo ou o gás natural existirem em quantidades e qualidade suficientes para serem economicamente rentáveis.

A descoberta de petróleo na costa portuguesa poderia contribuir para reduzir a importação de combustíveis fósseis que têm um forte peso na balança de pagamentos. Para já, as condições actuais do mercado tornam cada vez mais atractivo o investimento na prospecção. Em 2011, os preços do barril de petróleo voltaram a valorizar em relação ao ano anterior, entre oito a 12 por cento. E, para 2012, «todos os analistas prevêem que a subida seja menos acentuada do que foi em 2011 em relação a 2010, mas que, pelo menos, se manterão valores idênticos ou até ligeiramente superiores», afirma o dirigente.

A tendência de subida do preço do barril de petróleo deverá continuar devido à forte e crescente pressão do lado da procura por parte de países emergentes, como a China ou a Índia. Por isso, «a exploração portuguesa não falhará pela quebra do preço», a não ser que a actual crise tenha um efeito significativo na evolução da procura.

Já no caso do gás natural, a situação é diferente, visto que o colapso do mercado que se seguiu ao aparecimento do gás de xisto, exija mais cautela na hora de investir.

«Por muito optimistas que sejamos no crescimento das energias alternativas ao petróleo, a sede de energia que o mundo tem é tal que vai esgotar todas as formas de energia possíveis. O petróleo e o gás natural vão continuar a ter um peso muito grande, pelo menos, nos próximos 30 anos», frisa António Comprido.

Joana Filipe

LNEG estuda costa ocidental

Em 2012, e na sequência de um protocolo assinado com a Direcção-Geral de Energia e Geologia, o Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG) prepara-se para avançar com a cartografia geológica em profundidade, à escala 200 mil, da costa portuguesa. «Essa cartografia e a análise da mesma e das sondagens existentes por parte de um laboratório de Estado permitirá ao País, e não apenas às empresas petrolíferas, um conhecimento geral mais elevado», explica o geólogo Pedro Terrinha.

A primeira área a ser cartografada – de um total de cinco cartas – corresponde à zona entre Peniche e Setúbal. Segundo o geólogo, a escolha desta área está relacionada com o facto de já existir uma cartografia em terra bastante desenvolvida e por se tratar de uma região do País «onde se sabe que há hidrocarbonetos». No final do ano, estarão concluídas as primeiras cartas.

Para fazer o mapeamento geológico de jazigos em profundidade, são usadas técnicas indirectas, como a sísmica de

reflexão, em que um canhão de ar fornece um impulso acústico que viaja pela água e pela terra e, de cada vez que encontra um interface importante entre duas rochas, é reflectido. As ondas acústicas assim reflectidas por horizontes permitem conhecer a estrutura das bacias sedimentares, onde podem ou não estar alojados hidrocarbonetos. A partir destes dados, é possível também prever a temperatura a que a matéria orgânica – caso esta exista nos sedimentos – pode ter estado sujeita. Já as sondagens ajudam a prever a porosidade e a permeabilidade das rochas, a par

da sua composição química e mineralógica. É a matéria orgânica alojada na rocha mãe que, ao ser submetida a temperaturas elevadas, se vai transformar em hidrocarbonetos, que possuem densidade inferior à água. Caso exista permeabilidade, o petróleo poderá então escapar para uma outra rocha, que servirá de reservatório, desde que esta tenha porosidade para funcionar como esponja e albergá-lo nos seus poros. A última condição para a existência de petróleo ou gás natural é haver rochas impermeáveis que não permitam que estes escapem da rocha reservatório.